

Produtores vulneráveis

Cadeias produtivas destinadas a atender o mercado interno acompanham com apreensão a importação de produtos nos quais o Brasil é autossuficiente

A expectativa e o otimismo renasceram com a posse do novo governo em 2019, porém, transcorridos apenas dois meses a intenção de abertura total do mercado brasileiro ao mundo se transformou em um pesadelo para muitos produtores e empresas brasileiras.

O desespero procede, pois enquanto o mundo importa o que realmente necessita, o Brasil se submete a importar o que possui em abundância e conseqüentemente desemprega e leva à falência milhares de brasileiros.

Será que as “autoridades poderosas” têm noção da destruição que este “tsunami” causa às cadeias produtivas brasileiras que destinam sua produção ao abastecimento do mercado interno?

Será que conhecem a realidade de dezenas de milhões de brasileiros que têm como única opção de renda há séculos trabalhar com agropecuária?

Bastou anunciar a abertura total e a cadeia brasileira do leite se viu ameaçada - por que importar o que há no Brasil com fartura? O que acontecerá com mais de 1 milhão de produtores?

A necessidade urgente do Brasil em “arrecadar” não pode se dar através do sacrifício de quem realmente trabalha e carrega este país. É preciso “enxugar” a máquina pública. Não basta impor limites aos futuros aposentados, a solução é acabar com privilégios, mesmo que seja necessário mudar a Constituição.

Por que o novo governo insiste no mesmo erro - aceitar o “princípio da reciprocidade”? Quem quiser exportar para o Brasil que ofereça produtos que o país necessita.

Por que alguns países proporcionam subsídios aos seus produtores, praticam

dumping para invadir o mercado brasileiro, exigem a compra de produtos que geram empregos à sua população ou proíbem importações de máquinas que substituem a mão de obra? Todas estas situações são fatos reais e atuais em países que priorizam sua população.

A NECESSIDADE
URGENTE DO BRASIL
EM “ARRECADAR”
NÃO PODE SE DAR
ATRAVÉS DO
SACRIFÍCIO DE QUEM
REALMENTE
TRABALHA E
CARREGA ESTE PAÍS


Não se está a implorar por protecionismo, mas lutando pela sobrevivência de milhões de produtores e trabalhadores que foram rebaixados na pirâmide social brasileira e passaram a compor a base - a categoria dos desempregados. O novo governo deve priorizar a geração de

empregos, o crescimento da agricultura familiar, a reestruturação das instituições de pesquisas, o fortalecimento de todas as cadeias produtivas (de exportação ou que abastecem o mercado interno), ou seja, governar e beneficiar o Brasil.

A situação da Cadeia Brasileira da Batata de 1980 até hoje é similar à de todas as cadeias produtivas do país.

Apesar de a população ter dobrado (100 milhões para 200 milhões), a área plantada de batata reduziu de mais de 150 mil hectares para menos de 100 mil hectares, o número de regiões produtoras de mais de 20 para cerca de dez, o número de produtores de mais de 20 mil para cerca de dois mil e a produção de três milhões aumentou, graças a variedades mais produtivas, porém culinariamente inferiores, para 3,5 milhões de toneladas. É necessário acrescentar as importações de mais de 300 mil toneladas de batatas industrializadas. Este volume equivale à produção de mais de 15 mil hectares, que poderiam sustentar milhares de produtores e trabalhadores.

Por que o governo da maioria dos países “competitivos” atribui importância máxima às cadeias produtivas que geram empregos e a sustentabilidade da agricultura familiar e as autoridades brasileiras desprezam-nas totalmente?

Se este governo não mudar de idéia, em pouco tempo desaparecerá a maioria das cadeias produtivas que abastecem o mercado interno. Por outro lado, se priorizá-las, milhões de brasileiros voltarão ao mercado de trabalho, passarão a consumir e o Brasil voltará a crescer. 

Natalino Shimoyama,
ABBA